

Sri Aurobindo  
*Dias de Prisão*

“... Portanto, meu apelo aos senhores é este: muito depois que a controvérsia cairá em silêncio, muito depois desse tumulto, quando a agitação haverá cessado, muito depois que a morte o tiver levado, ele será visto como o poeta do patriotismo, o profeta do nacionalismo e como aquele cujo amor abraçou a humanidade. Suas palavras ecoarão repetidamente não apenas na Índia, mas mais além, através de mares e terras distantes. Portanto, eu digo: um homem como este, que está sendo acusado, a quem foram atribuídos delitos, encontra-se não somente diante do tribunal desta corte, mas encontra-se diante do tribunal da Corte Suprema da História;”

Sri Chittaranjan Das (advogado de defesa – 1909)

Quando eu estava adormecido na Ignorância, eu chegava em um lugar de meditação cheio de homens santos e achava sua companhia enfadonha, e o lugar, uma prisão; quando despertei, Deus me conduziu a uma prisão e fez dela um lugar de meditação e Seu local de encontro.

Sri Aurobindo (Pensamentos e Aforismos)

No dia primeiro de maio de 1908, uma sexta feira, eu estava sentado no escritório da *Bande Mataram* (a revista publicada por Sri Aurobindo), quando Srijut S. Chakravarty entregou um telegrama vindo de Muzaffarpur. Ao lê-lo, eu soube que uma bomba, lançada nessa cidade, matou duas senhoras europeias. No jornal *Empire* desse dia eu li outra notícia em que o comissário da polícia dizia que ele conhecia as pessoas envolvidas no assassinato e que estes seriam logo detidos. Naquele momento eu não tinha a menor ideia de que eu era o alvo principal das suspeitas e que segundo a polícia eu era o principal assassino, o instigador e o líder secreto dos terroristas e dos revolucionários. Eu não sabia que este dia significaria o fim de um capítulo da minha vida, que se estendia diante de mim um ano de prisão durante o qual todas as minhas relações humanas cessariam, que por um ano inteiro eu teria que viver, banido da sociedade, como um animal em uma jaula. E que, quando retornasse ao mundo das atividades, não seria mais o antigo, familiar Aurobindo Ghose, mas seria um novo ser, com um caráter, um intelecto, uma vida, uma mente novos, embarcando em um novo curso de ação, que sairia do “ashram” de Alipore. Eu disse um ano de prisão. Seria mais apropriado falar de um ano de vida em uma floresta, em um ashram, ou em um eremitério. Durante muito tempo eu fiz um grande esforço para ter a visão direta do Senhor do meu coração; alimentei a esperança imensa de conhecer o Preservador do Mundo, a Pessoa Suprema (*Purushottama*) como amigo e mestre. Mas devido ao puxão dos desejos mundanos, ao apego às numerosas atividades e à escuridão profunda da Ignorância esse esforço não teve sucesso. Por fim, o Senhor mais clemente, fonte de todo o bem, (*Shiv Hari*), destruiu todos esses inimigos com um só golpe, me ajudou em meu caminho e me indicou um ashram para Seu ioga, Ele mesmo permanecendo como guru e companheiro em meu pequeno eremitério de disciplina espiritual. Esse ashram era a prisão britânica. [...] O único resultado da cólera do governo britânico foi que eu encontrei Deus.

O objetivo dessas páginas não é descrever a história de minha via interior na prisão; quero apenas relatar alguns fatos exteriores; mas por receio que meus leitores sejam levados a pensar que o sofrimento é a própria essência da vida de um prisioneiro, me parece oportuno, no início deste artigo, mencionar a nota dominante desses dias de prisão: eles não foram isentos de sofrimento, porém, no todo, eles se passaram na alegria.

[...] Minha solitária tinha nove pés de longura e cinco de largura. Não tinha janela, e na frente havia uma grade com fortes barras de ferro. Fora, havia um pequeno pátio com chão de pedras e uma alta parede de tijolos com uma pequena porta de madeira. No alto dessa porta havia uma pequena abertura redonda à altura dos olhos. De vez em quando o sentinela olhava, para ver o que fazia seu prisioneiro, mas, com frequência, a porta do meu pátio ficava aberta.

[...] No entanto, eu não estava aborrecido, bem ao contrário, eu me alegrava que nenhuma diferença tinha sido feita entre os prisioneiros comuns – analfabetos, em sua maioria – e nós, e eu oferecia essa experiência como um sacrifício de amor à Mãe. Eu me dei conta que essa era uma ocasião única de me elevar acima das dualidades e de compreender o que era o Ioga. Ademais, eu pertencia ao partido extremista, para quem a democracia e a igualdade entre ricos e pobres constituía um dos princípios fundamentais do ideal nacional. Eu me lembrava que durante a viagem a Surat, para pôr esta teoria em prática, nós havíamos todos viajado em terceira classe e ao chegar ao campo, os próprios chefes do partido não se instalaram separadamente, mas dormimos todos lado a lado. Ricos e pobres, brâmanes, vaishyas e shudras, bengalis, marathas, panjabis ou gujaratis, dormíamos todos no chão, todos comíamos lentilha, arroz e leite talhado: era o apogeu do *svadeshi*. Cidadãos de Calcutá e de Bombay, chegados frescos da Inglaterra, brâmanes de Madras, com o *tilak* na frente, todos se encontravam reunidos em um maravilhoso espírito de fraternidade. Do mesmo modo, em Alipore eu compartilhava a sorte de meus concidadãos, prisioneiros comigo: cultivadores, ferreiros, ceramistas\oleiros e intocáveis. Recebíamos a mesma comida, passávamos pelas mesmas provas, éramos objeto das mesmas marcas de consideração. Compreendi que essa igualdade, essa unidade, esse sentimento de fraternidade nacional, eram a vontade do Senhor que habita no coração de todas as criaturas, o Senhor Narayana, que marcava com seu selo a missão da minha vida. Quantas vezes, então, diante da atitude cheia de amor de meus companheiros de prisão e da imparcialidade da administração, meu coração estremeceu de alegria, como na aurora de um novo dia! Eu sentia aproximar-se a hora em que, em um espírito de fraternidade, todas as classes da sociedade não seriam mais que uma única alma no solo da Índia, altar da Mãe universal, e se manteriam diante do mundo com a frente erguida.

O *Indian Social Reformer*, de Puna, apropriando-se outro dia de algumas de minhas palavras, portanto claras, as ridicularizou nos seguintes termos: “Nós constatamos que na prisão a Presença de Deus pode ser obtida a bom preço”. Mesquinha e pretensão do homem, que sempre quer aparecer, orgulhoso de sua pequena ciência e de suas virtudes mediócras! Se Deus não se revelar nas prisões, nos eremitérios e nos ashrams, e no coração daqueles que sofrem, onde se revelará Ele? Nos templos do prazer construídos pelos ricos? Ou nos leitos onde se repousam aqueles que buscam apenas sua pequena felicidade e que são cegos pelo egoísmo? Deus não olha o saber, o

prestígio, o sucesso e o conforto exteriores e a sofisticação. Ele se revela aos aflitos sob a forma da Mãe Toda-Compaixão e, sob a forma de Narayana, ele vem habitar no coração daquele que Lhe ofereceu toda a sua vida, daquele que O vê em cada nação como em seu próprio país, que O vê em cada ser humano, que ele seja pobre, miserável, pecador ou decaído. Eis porque Ele se dá àqueles que foram feitos prisioneiros porque quiseram servir à sua pátria decaída, mas pronta a erguer-se.

[...]

Uma maravilhosa lição de amor me foi dada na solidão dessa prisão. Antes de meu aprisionamento, minha afeição, mesmo em relação os seres humanos, limitava-se ao círculo estreito de minhas relações pessoais, mas o amor que se possa sentir pelos animais me era mais ou menos estrangeiro. Eu me lembro de um poema de Rabindranath Tagore, em que o poeta descreve maravilhosamente o amor profundo de um pequeno camponês por seu búfalo. Esse poema, em sua primeira leitura, não me tocou de nenhum modo; a descrição do sentimento me pareceu exagerada e artificial; se eu o relesse agora, seria com outros olhos. Em Alipore, eu descobri a profundidade que podia ser alcançada pelo amor do ser humano por todas as criaturas vivas, e como seu coração podia vibrar de alegria à simples vista de uma vaca, de um pássaro, ou mesmo de uma formiga.

[...]

*(Sri Aurobindo foi autorizado a escrever a seu tio, para pedir a Bhagavad Gita e os Upanishads e algumas roupas).*

Estes dois livros levaram três ou quatro dias para chegar e, nesse intervalo, eu pude sondar o abismo em que nos mergulha a prisão solitária. Eu compreendi como, durante um tal confinamento, mesmo o espírito mais firme e a inteligência mais sólida podem desmoronar e deixar-se vencer pela loucura. Ao mesmo tempo, me dei conta da bondade infinita de Deus que, colocando-me nessas condições, me oferecia a ocasião excepcional de me unir a Ele. Antes da detenção, eu tinha o hábito de meditar uma hora pela manhã e uma hora à tarde; como eu não tinha nada para fazer na prisão, tentei ficar em meditação o mais tempo possível, mas para quem não está habituado não é fácil controlar seus pensamentos e manter a mente, sempre habituada a correr em todas as direções, fixa sobre um único objeto. No entanto, eu conseguia me concentrar por uma ou duas horas, depois disso meu espírito se rebelava, e o corpo também se cansava. Eu ficava lá, remoendo todo tipo de ideias, mas nessa intolerável inação, privado de todo contato humano, vazio de qualquer tema de reflexão, meu espírito, aos poucos, perdia a capacidade de pensar. Por um período, parecia que mil ideias indistintas giravam em torno das portas da minha mente, mas as portas estavam fechadas; uma ou duas ideias que eram capazes de entrar, se assustavam com o silêncio desses estados mentais e logo se iam. Nesse estado de indefinição e de entorpecimento da mente, eu sofria uma intensa agonia mental. Com a esperança que a beleza da natureza acalmaria meu espírito e seria um bálsamo para minha cabeça que queimava, eu olhava além das barras de minha cela, porém, em tal situação, pode alguém encontrar consolo diante da vista de uma só árvore, de um único pedacinho de céu azul e do triste espetáculo da prisão? Eu olhava a parede: a vista dessa superfície branca e sem vida me mergulhava em uma confusão ainda pior, e meu cérebro, dando-se conta da agonia da vida em

prisão, começava e debater-se em sua gaiola. De novo, me sentava para meditar, era impossível. Essa tensão aguda e sem resultado me cansava mais ainda, e meu espírito, consumado pelo esforço, encontrou-se reduzido a um total estado de impotência.

Mais tarde, ao olhar em torno de mim, eu percebi então, no chão de minha cela, enormes formigas negras, ocupadas em torno de um buraco. Passei algum tempo a observar suas manobras laboriosas. Mais tarde, não longe delas, eu notei uma fila de pequenas formigas vermelhas, que foram atacadas pelas negras, que se puseram a exterminá-las. Senti-me invadido de compaixão por aquelas pobres formigas vermelhas e tentei salvá-las do massacre, expulsando as negras. Eu tinha, enfim, algo para fazer, algo para pensar. Alguns dias se passaram assim, a socorrer as formigas, mas logo me encontrei sem recursos e, mais uma vez, sem saber como ocupar estes dias intermináveis. [...] É verdade, nunca gostei de permanecer ocioso, mas muitas vezes, aproveitando de minha solidão, me acontecia de ficar mergulhado em meus pensamentos. Será que meu espírito havia se tornado tão fraco que alguns dias de isolamento o perturbavam a este ponto? Sem dúvida, pensei, há um mundo de diferença entre a solidão consentida livremente e aquela que é imposta. Estar só em casa é uma coisa, ser condenado à reclusão pela vontade de outrem é outra coisa. [...] A firmeza de minha mente seria tão pobre? Eu não podia compreender então que Deus brincava comigo e que, sempre a brincar, me dava algumas lições indispensáveis.

Primeiro, Ele me mostrou o processo da mente que leva à loucura prisioneiros condenados à solitária, e me permitiu assim tomar consciência da crueldade desumana desse tipo de encarceramento, e fez de mim um adversário do sistema penitenciário europeu.

[...] Eu compreendi também a segunda intenção do Senhor: ao revelar e expor diante da minha mente sua própria fraqueza, Ele queria que eu me liberasse disso para sempre, pois aquele que aspira ao estado ióguico deve acolher com igualdade, seja a solidão absoluta, seja a vida em meio à multidão. Em alguns dias essa fraqueza desapareceu, [...]. Assim, Aquele que é Todo-Bondade, do pior faz o melhor.

Ele queria também me provar – e era seu terceiro propósito – que na minha prática do Ioga eu não chegaria a nada por minhas próprias forças. Uma fé ilimitada, um dom de si total, esse é o caminho que conduz à Realização. O único objetivo de minha busca deveria ser aprender a receber e utilizar para a obra divina a força, a alegria e a realização que, em Sua graça, Deus me concederia.

[...] Eu passei assim alguns dias, torturado por essa apatia mental. Uma tarde, quando tentava refletir, pensamentos me vieram de novo à mente, mas subitamente se tornaram tão incontroláveis e incoerentes que eu sentia que o poder regulador da mente estava por cessar. Ao retornar ao meu estado normal, e lembrando do que se passou, pude constatar que minha razão não se perdeu nem se desviou em nenhum momento; mesmo se seu controle sobre o pensamento encontrou-se momentaneamente abolido, ela tinha observado com muita calma esse surpreendente fenômeno mental, porém, no momento, eu não percebi. Aterrorizado diante da ideia de enlouquecer, me pus a rezar a Deus com todas as minhas forças, suplicando-Lhe de proteger-me da loucura. No mesmo instante, uma brisa refrescante e benigna invadiu meu coração, depois, uma sensação de doçura, de calma, de bem-estar soberanos, de uma felicidade tal como eu não havia jamais sentido nessa vida, espalhou-se sobre mim, acalmando o calor que me queimava. E

como a criança que dorme confiante nos braços de sua mãe, eu repousei nos braços da Mãe do mundo. Esse dia marcou o fim de meus tormentos. Depois, algumas vezes, me foi difícil sentir-me assim enjaulado, e a solidão, a inatividade, muitas vezes pesaram; as dores físicas, a doença, elas tampouco me faltaram e, no curso do meu Ioga, eu tive que passar por períodos áridos, porém, graças à força interior que Deus me deu subitamente naquele dia, todos os sofrimentos passavam sem deixar traços em mim. Minha razão, aclarada, conseguia rejeitá-los e encontrava assim a força e a alegria no seio mesmo da dor. [...] Assim, quando os livros que eu havia pedido, chegaram, já não me eram tão indispensáveis, e mesmo sem eles eu teria podido suportar.

Embora a história de minha vida interior não seja o tema desses artigos, eu preferi mencionar essas experiências, pois elas permitem compreender porque minha longa catividade pôde se passar na alegria. Sem dúvida é por isso que Deus me fez passar por essas provas. Ele fez passar por meu espírito, como em uma peça de teatro, as fases sucessivas da demência, mas me preserva da loucura, e permitiu à minha razão permanecer espectadora impassível desse drama. Essa experiência me fortifica; minha simpatia e minha compaixão pelas vítimas da crueldade humana aumentaram mais ainda, e eu me dei conta igualmente da eficácia e do poder extraordinários da oração.

Sri Aurobindo – *Dias de Prisão*